

Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)



Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação infantil: comprometimento com a formação global da criança

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Isabelle Cerqueira Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação infantil [recurso eletrônico] : comprometimento com a formação global da criança / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5706-435-1
DOI 10.22533/at.ed.351200110

1. Educação infantil. 2. Professores de educação infantil – Formação. 3. Crianças - Desenvolvimento. I.Sousa, Isabelle Cerqueira.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, portanto um período fundamental para a formação global das crianças, é nesse período que são transmitidos valores, regras, atitudes, comportamentos e aprendizados essenciais que serão a base da evolução de cada indivíduo e serão utilizados por toda a vida.

O contexto da Educação Infantil enquanto sistema organizado de ensino, tem suas bases históricas fundamentadas em diferentes abordagens ou funções sociais, essa obra vem trazer estudos que apresentam a evolução da concepção de infância no Brasil e seu reflexo nas políticas públicas educacionais, conjuntamente com a trajetória escolar e identidade do docente da educação infantil, seus caminhos e descaminhos.

Será contextualizada também a história da leitura no Brasil, através de uma reflexão sobre a literatura para crianças na educação infantil, e como essa literatura pode ser uma ferramenta valiosa para as crianças que estão em tratamento no ambiente hospitalar.

Ao se falar de crianças, não se poderia deixar de comentar sobre as dificuldades alimentares, portanto também será apresentado um capítulo que vem refletir sobre as práticas alimentares dos bebês na creche e um capítulo que traz uma discussão de como a escola e o professor estão enfrentando a problemática da obesidade infantil.

No percorrer dessa obra o leitor terá oportunidade de desfrutar sobre os temas: - Meandros da educação física na educação infantil, voltando-se para a utilização do lúdico como pilar do aprendizado; - Danças, arte e corporalidade na educação infantil; - Educação visual e infância: um estudo dos desenhos; - Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no contexto escolar e Assédio moral: realidade e desafios no trabalho docente na educação infantil.

Diante de tamanha relevância do tema, a Atena Editora presenteia os leitores com essa obra, que intenciona a divulgação de reflexões, estudos, discussões e pesquisas referentes ao tema da educação infantil.

Isabelle Cerqueira Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EVOLUÇÃO DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NO BRASIL E SEU REFLEXO NAS
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.3512001101

CAPÍTULO 2..... 9

INFÂNCIA, TRAJETÓRIA ESCOLAR E IDENTIDADE PROFISSIONAL: UM ESTUDO DE
NATUREZA NARRATIVA

Dirlene Graciano

Noemi Boer

DOI 10.22533/at.ed.3512001102

CAPÍTULO 3..... 22

UNIDADES UNIVERSITÁRIAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: OS PESQUISADORES EM
SEUS CAMINHOS E DESCAMINHOS

Cláudia Vianna de Melo

Erica Cristian Reis dos Santos

Flávia Maria de Menezes

DOI 10.22533/at.ed.3512001103

CAPÍTULO 4..... 28

A LEITURA NO BRASIL - UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA PARA CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Eliane Ferreira Rocha Alencar

Kellen Solange Fruhauf Stinghen

Luciene Toffoli de Oliveira

Rosangela Ludwig Capatto

DOI 10.22533/at.ed.3512001104

CAPÍTULO 5..... 40

UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS
HOSPITALIZADAS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.3512001105

CAPÍTULO 6..... 49

AS PRÁTICAS ALIMENTARES DOS BEBÊS NA CRECHE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Deise Bruna Massena Leite

DOI 10.22533/at.ed.3512001106

CAPÍTULO 7..... 58

A ESCOLA E O PROFESSOR: COMO TRATAR O TEMA DA OBESIDADE INFANTIL?

Priscila de Lima Gomes

Willian Rayner Lima

Léia Adriana da Silva Santiago
DOI 10.22533/at.ed.3512001107

CAPÍTULO 8..... 72

OS MEANDROS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LÚDICO COMO PILAR DO APRENDIZADO

Erika Castro dos Santos
André de Farias Leite
Edma Ribeiro Luz
Morgana Luísla de Sousa Rios da Costa
Raimundo Silva dos Santos
Mayara Mirelly Soares da Costa
Francisco Carlos da Silva Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.3512001108

CAPÍTULO 9..... 86

O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Lucila Macedo de Possidio
Jucicleide Maria dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.3512001109

CAPÍTULO 10..... 96

QUE DANÇAS CRIAM AS CRIANÇAS?: ARTE E COPORALIDADE NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS

Andréa Fraga da Silva
Patrícia Dias Prado

DOI 10.22533/at.ed.35120011010

CAPÍTULO 11..... 106

EDUCAÇÃO VISUAL E INFÂNCIA: UM ESTUDO DE DESENHOS PRODUZIDOS EM OFICINAS DE “FILOSOFIA COM CRIANÇAS”

Cristiane Fatima Silveira
Giovana Scareli

DOI 10.22533/at.ed.35120011011

CAPÍTULO 12..... 117

TDHA-TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Sinara Amorim da Silva
Franciele Carvalho da Silva
Júnia Moreira de Freitas
Fernanda Matos de Moura Almeida
Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra

DOI 10.22533/at.ed.35120011012

CAPÍTULO 13	131
OUVIR, OLHAR E LER ESTÓRIAS: A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES E LEITORAS	
Andressa Garcias Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.35120011013	
CAPÍTULO 14	149
UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO DA ADOLESCÊNCIA FEMININA SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO RELACIONADAS A COMPORTAMENTO E VIOLÊNCIA	
Karla Dayana Araújo da Paixão	
Lisandra Ogg Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.35120011014	
CAPÍTULO 15	157
IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES PARA A APRENDIZAGEM DO AUTISTA	
Eliane Ferreira Rocha Alencar	
Kellen Solange Fruhauf Stingham	
Luciene Toffoli de Oliveira	
Rosangela Ludwig Capatto	
DOI 10.22533/at.ed.35120011015	
CAPÍTULO 16	166
ASSÉDIO MORAL: REALIDADE E DESAFIOS NO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO MARANHÃO	
Nailton Sousa Saraiva	
José Luis dos Santos Sousa	
Flávio Henrique Mendes	
Francisco Claudio Assunção Lima	
Fernando Machado Ferreira	
Leoilma Morais Silva	
DOI 10.22533/at.ed.35120011016	
SOBRE A ORGANIZADORA	180
ÍNDICE REMISSIVO	181

A ESCOLA E O PROFESSOR: COMO TRATAR O TEMA DA OBESIDADE INFANTIL?

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/08/2020

Priscila de Lima Gomes

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Goiano
Goiânia – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/1919434378618417>

Willian Rayner Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Goiano
Brasília – DF
<http://lattes.cnpq.br/8676521528420604>

Léia Adriana da Silva Santiago

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Goiano
Posse – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/3763464815080030>

RESUMO: A presente pesquisa tem como foco a Obesidade Infantil, uma doença crônica que tem acometido quantidade expressiva de crianças e adolescentes ao redor do mundo. Trata-se de um tema de saúde pública altamente relevante e que tem desencadeado muitas situações de *bullying*. Excetuando as causas genéticas, problemas hormonais e fisiológicos, normalmente a obesidade decorre da má alimentação e do sedentarismo. A junção desses fatores concorre para a formação de uma juventude com sobrepeso, a qual vem sendo sofrendo com o preconceito em razão da obesidade, sobretudo no ambiente escolar.

Neste estudo, tenciona-se identificar de que forma o professor de Ciências Naturais, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode contribuir para amenizar ou erradicar o preconceito em razão da obesidade infantil dentro da escola. Com o objetivo de responder a essa e a outras indagações, optamos por realizar um estudo de caso, a partir de uma abordagem qualitativa. Os instrumentos de obtenção dos dados foram observação e entrevistas com duas professoras e com uma criança obesa, sujeitos que convivem na mesma instituição de ensino. As análises dos dados nos levaram a concluir que o professor de Ciências Naturais, ao trabalhar o Bloco Temático “Corpo Humano e Saúde”, dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Naturais, possui maior possibilidade de abordar em sala de aula o tema hábitos alimentares. O professor que percebe o preconceito que a criança obesa sofre e busca trabalhar os conteúdos curriculares contextualizando a temática da obesidade infantil é capaz de proporcionar maior reflexão aos jovens, seja quanto aos hábitos alimentares saudáveis, seja quanto ao preconceito relacionado ao sobrepeso dos jovens. Assim, esse professor estará contribuindo significativamente para a promoção de convívio mais harmonioso, tanto pela conscientização dos alunos quanto à seriedade da questão, possibilitando a redução do *bullying* a ela relacionado, quanto pelo desenvolvimento emocional e intelectual da criança obesa.

PALAVRAS-CHAVE: Obesidade Infantil; Preconceito; Professor; Escola.

THE SCHOOL AND THE TEACHER: HOW TO TREAT THE TOPIC OF CHILDHOOD OBESITY?

ABSTRACT: This research focuses on childhood obesity, a chronic disease that has afflicted many children around the world. It is a highly relevant issue, since childhood obesity has also triggered many victims of bullying as a result of prejudice. Except for genetic causes, hormonal and physiological problems, obesity usually results from poor diet and sedentary lifestyle. These factors combined have resulted in children with high weight that come to suffer with prejudice due to obesity. This research aims to identify how the professor of Natural Sciences in the early years of elementary school can help to alleviate or eradicate the prejudice within the school. In order to answer this and other questions, we decided to conduct a case study in a qualitative approach. The instruments of data collection were interviews with two teachers and an obese child, subjects that share the same educational institution, and observation. The data analysis led us to conclude that the teacher of Natural Sciences, while working the Thematic Block “Human Body and Health,” according to the National Curriculum Parameters - Natural Sciences, has a greater possibility to address the topic of eating habits in the classroom. The teacher who recognizes the prejudice that the obese child suffers and seeks to work with the curricular content contextualizing childhood obesity is able to provide greater reflection to young learners, both with the healthy eating habits and the prejudice related to children overweight. Thus, this teacher will significantly contribute to the promotion of harmonious relationships, through the consciousness of the students as well as the seriousness of the topic, allowing the reduction of bullying cases related to this issue, and the emotional and intellectual development of the obese child.

KEYWORDS: Childhood Obesity; Prejudice; Natural Science; Teacher.

LA ESCUELA Y EL MAESTRO: ¿CÓMO PLANTEAR EL TEMA DE LA OBESIDAD INFANTIL?

RESUMEN: La presente investigación tiene como enfoque la Obesidad Infantil, una enfermedad crónica que ha acometido a una cantidad expresiva de niños y adolescentes alrededor del mundo. Se trata de un tema de sanidad pública de gran relevancia y que ha desencadenado muchas situaciones de acoso escolar/*bullying*. A excepción de las causas genéticas, problemas hormonales y fisiológicos, la obesidad, en general, se produce debido a una mala alimentación y al sedentarismo. La combinación de dichos factores contribuye a la formación de una juventud con sobrepeso, la cual viene sufriendo con el prejuicio en virtud de la obesidad, sobre todo en el entorno escolar. En este estudio, se pretende identificar de qué manera el maestro de Ciencias Naturales, en los primeros años de la Enseñanza Primaria, puede ayudar a mitigar o erradicar el prejuicio en función de la obesidad infantil dentro de la escuela. Con miras a contestar a esta y a otras preguntas, se opta por llevar a cabo un estudio de caso, desde un abordaje cualitativo. Los instrumentos de obtención de los datos han sido la observación y las entrevistas con dos maestras y con una niña obesa, individuos que cohabitan en la misma institución educativa. Los análisis de los datos nos llevaron a concluir que el maestro de Ciencias Naturales, al trabajar el Bloque Temático “Cuerpo Humano y Salud”, de los Parámetros Curriculares Nacionales - Ciencias Naturales, posee mayor probabilidad de plantear el tema sobre hábitos alimentarios en el aula. El maestro que se da cuenta del

prejuízo que sofre o menino e trata de trabalhar os conteúdos curriculares contextualizando a temática da obesidade infantil, é capaz de aportar uma grande reflexão aos jovens, seja acerca dos hábitos alimentares saudáveis, seja do preconceito relacionado com o sobrepeso dos jovens. De esta maneira, este professor estará colaborando na promoção de uma convivência mais harmoniosa de maneira significativa, tanto na conscientização dos alunos como na seriedade da questão, o que possibilita a redução do assédio escolar a ela relacionada, contribuindo também para o desenvolvimento emocional e intelectual do menino obeso.

PALAVRAS CHAVE: Obesidade Infantil; Prejuízo; Professor; Escola.

1 | INTRODUÇÃO

A obesidade é um problema que abrange grande quantidade de crianças, e por isso, deve ser estudada e analisada a fim de orientar, prevenir e até apresentar soluções, uma vez que a obesidade é uma doença crônica, que se caracteriza pelo acúmulo de gorduras nos tecidos, comprometendo a saúde da criança.

Desde a pré-história, a obesidade está inserida no contexto da imagem corporal, porém, nesta época, era referência de padrão de beleza e fertilidade. Ao resgatar a história da obesidade, Cunha (1998) relata que no Período Neolítico (aproximadamente 10.000 anos a.C.), as “deusas” eram apreciadas e cultuadas por apresentar suas coxas, quadris e seios volumosos. No entanto, o médico greco-romano Hipócrates, através de seus manuscritos, já mencionava acerca dos perigos que a obesidade oferecia para a saúde, afirmando que a morte súbita era mais frequente em indivíduos gordos em detrimento dos magros.

Ao longo da história, esse conceito de beleza foi sofrendo alterações, tomando lugar os corpos esguios e esbeltos expostos pelas obras de arte do século XIII ao XX. No Império Romano, as damas se sentiam obrigadas a fazer sofridos e prolongados jejuns para alcançar tal padrão de beleza. Entretanto, na sociedade greco-romana as personalidades socialmente privilegiadas (artistas, nobres ou políticos) tinham total liberdade para manter seus hábitos alimentares extravagantes (PIZZINATO *apud* CUNHA, 1998).

Este anseio pela beleza corporal continua até os dias de hoje, através de dietas milagrosas, alto investimento na indústria farmacêutica, academias e cirurgias plásticas. Partindo desta premissa, é relevante destacar o preconceito que os obesos, em especial as crianças, sofrem em decorrência dessa patologia.

Vasconcellos e Gewandszajder (1986) consideram que a obesidade é resultado de uma ingestão elevada de calorias, superior a que é necessária pelo organismo. Ela pode se originar de problemas glandulares ou de predisposição hereditária. São fatores que levam a comer demais: o emocional, o ambiente social e hábitos alimentares errôneos adquiridos na infância. Culturalmente falando, uma criança com sobrepeso é vista como saudável, e este estímulo que surge desde a infância é um grande problema, pois a criança com sobrepeso tem duas vezes maior possibilidade de se tornar um adulto obeso (SERDULA

et al.,1993).

Discutir esse assunto é fundamental, já que muitas vezes a mãe não tem tempo de preparar uma alimentação saudável para os filhos e estes, por sua vez, preferem se alimentar com guloseimas (batata frita, salgadinhos, chiclete, balas, doces, chocolates etc.), favorecendo o excesso de energia ao organismo. Além disso, grande parte das crianças é sedentária, não praticam esportes e passam longas horas em frente à televisão e ao computador.

Nesses tempos modernos de hoje, a vida tende a ser pouco saudável, devido ao ritmo que as pessoas seguem diariamente provocando estresse e outras coisas, essa situação ainda é mais grave porque as pessoas se alimentam inadequadamente e não praticam exercícios físicos com regularidade. Com isso podemos dizer que a qualidade de vida fica comprometida (ARAÚJO *et al.*, 2007. p. 1).

Campos (1995) afirma que a família de pessoas obesas apresenta algumas características que podem ser destacadas: sedentarismo, desmame precoce, excesso de ingestão alimentar, relacionamento intrafamiliar complicado, introdução precoce de alimentos sólidos, refeições substituídas por lanches e dificuldades nas relações interpessoais. Fricker *et al.* (2001) assinala ainda que a família, muitas vezes, oferece o alimento à criança de forma exagerada. Isso ocorre porque muitos pais não têm sabedoria suficiente para lidar com os diferentes problemas que acometem as crianças e suas reais necessidades. Por isso, quando veem as crianças chorando, a única solução que encontram é oferecer-lhes alimentos, como se o choro ocorresse apenas porque estão com fome.

As preferências alimentares das crianças, assim como a prática de atividades físicas, são influenciadas diretamente pelos hábitos de vida dos pais, que muitas vezes persistem na idade adulta, reforçando a hipótese de que fatores ambientais são decisivos na manutenção de hábitos de vida saudáveis (OLIVEIRA *et al.*, 2003). A maioria dos pais, ao adquirirem alimentos para seu próprio consumo ou de seus filhos, não se preocupa em observar na embalagem o quadro com a informação nutricional e a quantidade de nutrientes por porção. Além disso, oferecem as verduras e legumes, que geralmente são os menos saborosos para as crianças, como pré-requisito para comer a sobremesa. Isso pode atrapalhar ainda mais, pois acabam ingerindo esses alimentos não pela sua importância para o organismo, mas sim com o objetivo de degustar os doces presentes nas sobremesas. Essa falta de atenção faz com que as crianças ingiram esses nutrientes em excesso, favorecendo a obesidade e outras doenças que podem ser desencadeadas ou agravadas por ela, tais como diabetes, cardiovasculares, respiratórias, articulares e psicossociais.

Os pais exercem uma forte influência sobre a ingestão de alimentos pelas crianças. Entretanto, quanto mais os pais insistem no consumo de certos alimentos, menor a probabilidade de que elas os consumam. Da mesma

forma, a restrição por parte dos pais pode ter efeito deletério. Na primeira infância, recomenda-se que os pais forneçam às crianças refeições e lanches saudáveis, balanceados, com nutrientes adequados e que permitam às crianças escolher a qualidade e a quantidade que elas desejam comer desses alimentos saudáveis (MELLO; LUFT; MEYER; 2004 p. 178).

Ajuriaguerra (1983) descreve que uma criança é considerada obesa quando excede em 15% o peso médio correspondente à sua idade, desde que o excesso de peso corresponda ao acúmulo de lipídios, fato que pode ser avaliado pela espessura da prega cutânea.

A criança obesa tem sua autoestima bastante reduzida, e em decorrência disso se sente rejeitada e tende a se isolar da sociedade, como forma de se esconder. Este preconceito está presente desde a infância, haja vista que num famoso estudo de Staffieri, nota-se que crianças obesas são definidas pelos seus colegas através de desenhos como sendo preguiçosas, sujas, incapazes, feias, trapaceiras e falsas (STAFFIERI, 1967). Semelhantemente, estudos apontam que, quando convidadas a escolher com quem preferem brincar, até mesmo aquelas com sobrepeso, optam como parceiro crianças com outras doenças incapacitantes, como cegueira, membros amputados ou faces desfiguradas, em detrimento de crianças obesas.

Preconceitos e estereótipos são "conceitos" interligados. Os preconceitos são juízos pré-estabelecidos, baseados em crenças ou opiniões que formamos sem conhecer devidamente a realidade sobre a qual nos manifestamos. Queiroz (1997) observa que, em geral, as várias modalidades de preconceito geram suspeita, desprezo, intolerância e aversão a outras "raças", etnias, religiões e nacionalidades. Assim, o preconceito "[...] é uma manifestação irracional que envolve emocionalmente, impedindo que possamos examinar a complexidade dos fatos de forma honesta e objetiva" (QUEIROZ, 1997, p.16).

Para Queiroz (1997, p. 25), os estereótipos são "[...] rótulos usados para qualificar superficial e genericamente grupos étnicos, raciais, religiosos, nacionais e até grupos de pessoas do mesmo sexo ou profissão". De acordo com Queiroz (1997), costuma-se dizer que um estereótipo é um conceito mais simples que complexo, mais falso que verdadeiro, adquirido frequentemente de segunda mão e não por experiência direta que supostamente representa e é bastante resistente à mudança diante de novas experiências.

Os preconceitos e estereótipos levam a criança a um círculo vicioso, uma vez que a pouca aceitação grupal fortalece a baixa de autoestima e a desvalorização pessoal. Assim sendo, há implicação no afastamento das atividades esportivas, favorecendo o aumento de peso, conseqüentemente estas crianças evitarão envolvimento emocional com outras pessoas, criando vínculos de amizade vulneráveis e cada vez mais se privarão de passear e conhecer lugares. Em contato com a sociedade, se sentirão frágeis e ameaçadas, podendo, a qualquer momento sofrer constrangimento devido ao seu aspecto físico. Toda essa problemática acarretará o isolamento das crianças dentro de suas residências, durante

um prolongado período de tempo expostas à televisão e ao computador, diminuindo, assim, a frequência de atividade física, dando lugar ao sedentarismo e, por sua vez, à obesidade.

É necessário que haja uma educação que preze pelo respeito às diferenças dentro da escola e da sociedade, objetivando a reflexão e solução de conflitos existentes em decorrências dessas diversidades. Itane (1998, p.134) afirma que para diminuir o preconceito existente na escola, é necessário que o docente saiba trabalhar com os educandos as diferenças existentes entre um e outro. Deve-se aprender a respeitar essa diferença que ocorre no cotidiano, pois todos são livres para ser, pensar e agir de forma distinta.

Tolerar é admitir a liberdade de existência desse outro, o direito desse outro ser diferente de mim, seja na maneira de pensar, de agir, de crer e, enfim, da liberdade de ser. A prática da tolerância como prática da liberdade, por conseguinte, não pode ser trabalhada com indiferença, e não há dúvida de que, em certos momentos, requer um desempenho com responsabilidade e, sobretudo com muita paciência por parte do professor.

Pessoas com obesidade possuem elevados níveis sintomáticos causadores de depressão, ansiedade e também de transtornos de personalidade e alimentar. Anaruma (1995) assinala que a sociedade que constitui parâmetros de perfeição, beleza e exalta o culto ao corpo favorece significativamente, nas pessoas que não atingem estes parâmetros, o grau de sofrimento psíquico e o sentimento de não se sentirem aceitas pela sociedade, não sendo merecedoras de carinho, amor e atenção.

Esse comportamento apresentado pelos agressores que atentam contra o moral de crianças vítimas de preconceito se caracteriza como “bullying”. Esta palavra é de origem inglesa e tem como raiz o termo bull, que “é um termo utilizado para designar pessoa cruel, intimidadora e/ou agressiva” (GUIMARÃES, 2009, s.p.). Devido à grande abrangência desse termo em sua língua original, convencionou-se a utilizá-lo sem a necessidade de tradução.

O bullying é uma forma encontrada para que se possa estabelecer a afirmação de poder interpessoal através da agressão. Este problema mundial ocorre na maioria dos casos no ambiente escolar, em que o agressor pratica a violência simbólica contra a vítima, de forma repetitiva e sistemática, por meio de xingamentos, ofensas, “brincadeiras”, difamação, humilhação e constrangimento.

O ato bullying ocorre quando um ou mais alunos passam a perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, um outro aluno (RAMOS, 2008, p. 1).

Conforme Gomes (2011), a idade de maior prevalência da vítima de bullying situa-se entre 11 e 13 anos, sendo menos prevalente na educação infantil que no ensino médio. Porém, estudos mostram que o bullying direto é mais frequente por agressores do sexo masculino, agindo com violência física, ao passo que as meninas praticam esse fenômeno

de forma indireta, sutil, sendo que a agressão que elas mais utilizam é a verbal, atingindo a autoestima e a moral do indivíduo (FANTE E PEDRA, 2008). As vítimas desse fenômeno são identificadas por serem crianças que apresentam pouca ou nenhuma reação frente à provocação. Sentem dificuldade para se inserirem em grupos de estudantes, fisicamente não atendem as expectativas dos colegas e dificilmente pedem ajuda para se livrar de tal sofrimento. Geralmente os alvos são aqueles que pouco se destacam nas atividades esportivas, são mais retraídos e possuem baixa autoestima. Fante e Pedra (2008) enfatizam que as pessoas vítimas do bullying normalmente são descritas da seguinte forma: inseguras, quietas, pouco sociáveis, baixa autoestima e sem reação efetiva frente aos atos sofridos de agressividade.

Já Leme (2006, p.12) alega que nem sempre a passividade é a única opção que as vítimas de bullying utilizam, havendo estudo que comprova que aproximadamente 12% dessas vítimas podem reagir agressivamente. Segundo a mesma autora, a vítima que reage a essa violência é, em geral, “hiperativa, hipervigilante, inquieta e dispersiva”, mas, apesar de reagir aos maus-tratos com agressividade, continua sofrendo com o isolamento e o medo causado pelos bullyinistas.

O mais preocupante são aquelas crianças que são vítimas e autores do bullying concomitantemente. Elas sofrem enquanto alvo, mas praticam com os colegas a mesma violência como forma de descarregar a aflição e a dor que sentem quando estão no lugar deles. São aqueles alunos que são ou foram vítimas e, portanto, reproduzem os maus-tratos sofridos (PEREIRA, 2009).

A escola como palco desse conflito, que afeta toda a comunidade escolar, tem que se posicionar para conscientizar seus integrantes a fim de combater atos de crueldade que assombram as vítimas de bullying. Assim, considerando que a escola é um local de segurança, disciplina e respeito, ela deve desenvolver ações com os educandos que visem à reflexão, a cooperação, a amizade, o respeito e a tolerância, assegurando sempre através desses valores a qualidade nos relacionamentos, a fim de extinguir o bullying.

Constitui como objetivo dos Parâmetros Curriculares Nacionais e também importante papel da escola, subsidiar os alunos com conhecimentos necessários, desde a infância, para que eles sejam capazes de cuidar do próprio corpo, de forma a promover sua saúde e autoestima. Muitas vezes os hábitos alimentares surgem de uma educação errada, baseada em pouca informação e condicionada pelo mercado publicitário. A ingestão de muitos tipos de alimentos se dá pela necessidade criada pela publicidade, em detrimento de sua eficácia no organismo para promover a saúde.

Assim sendo, compreendendo que a escola e o professor têm o desafio de enfrentar as questões relacionadas à obesidade infantil e ao preconceito dela decorrente, nas linhas que se seguem vamos trazer dados de entrevistas com dois professores do 5º ano do ensino fundamental e com uma criança obesa, que possui dez anos de idade, aluna dos professores mencionados intencionando perceber como a criança obesa é vista no

ambiente escolar, sobretudo quanto à ocorrência do preconceito.

2 | OLHARES SOB A OBESIDADE INFANTIL E A VITIMIZAÇÃO DE BULLYING

Para melhor compreender o contexto educacional onde a criança obesa sofre preconceito e como o professor de Ciências pode intervir para amenizar situações semelhantes, utilizamos para análise alguns trechos das entrevistas realizadas com duas professoras e a criança em questão, sujeitos da mesma escola. A análise conta também com observações acerca do comportamento dos entrevistados, registradas no caderno de anotações. A criança entrevistada relatou com muita tristeza o sofrimento causado por ser discriminada, devido à obesidade, na escola em que estuda. Ela destacou a proteção e o cuidado que recebia de uma professora, que sempre agia em repressão ao bullying. Em contrapartida, assim que houve a permuta de professores, as práticas de violência voltaram a acontecer.

Perguntada sobre o que menos gostava na escola em que estudava, ela relatou:

Do bullying que sofri, às vezes ainda sofro um pouco. No ano passado, a tia ¹Lana não deixava acontecer nada comigo, mas mudou de professora aí os meninos caíam matando [...] (sic)

A criança entrevistada também relatou que sofreu violência psicológica e física, causada por outras crianças que não aceitavam sua condição de obesidade. Descreveu detalhadamente toda a situação vivenciada por ela em razão do bullying. Leme (2006) afirma que não é sempre que a passividade é adotada pelas vítimas de bullying, pois algumas vezes podem reagir a essa prática de forma agressiva. Porém, mesmo que retribua a violência, o sofrimento continua presente devido ao medo e isolamento. Essa compreensão se verifica através do seguinte trecho da entrevista:

Tem uma pessoa que eu mais odeio, é o ²Gabriel, ele me irrita, ele jogou pedra no meu olho. Tava ele e outros meninos de rua que ele não conhecia, eles me empurraram dentro da caçamba de lixo e ficaram tacando pedra em mim, aí o Gabriel disse: “eu vou tacar a pedra dentro do olho da baleia, quem aposta que eu faço isso”. Eles me atentam demais, o ²Gabriel mora perto da minha casa, aí um dia eu taquei um pedaço de pau na cabeça deles, a irmã do meu colega me bateu no braço com um fio, aí eu entrei pra dentro de casa e joguei uma bomba de xixi de cachorro nela. (sic)

Ramos (2008) salienta que o bullying se caracteriza por alunos que perseguem, humilham, demonstram comportamento preconceituoso ou agredem fisicamente a vítima. Esta narrativa lembrada pela criança demonstra tamanho sofrimento e pesar diante de um comportamento tão perverso e desumano, praticado por outras crianças. Apesar de estarem em processo de desenvolvimento físico e psicológico, já conseguem transparecer

¹ Seguindo princípios de ética na pesquisa, todos os nomes utilizados neste estudo são fictícios.

² Seguindo princípios de ética na pesquisa, todos os nomes utilizados neste estudo são fictícios.

através de seus atos resquícios de crueldade e falta de compaixão. O agente praticante do bullying se destaca por liderar, ou seja, exercer grande influência sobre o grupo, haja vista ser quem inicia a violência e persuade os outros que estão por perto a também praticar a violência.

Nota-se também neste trecho relatado pelo entrevistado que o mesmo é vítima do preconceito devido à sua aparência física, ou seja, por ser diferente das outras crianças. A obesidade o torna alvo de chacotas e agressões, o que fica muito nítido a partir do apelido que recebe, no caso, “baleia”. Fante e Pedra (2008) já abordaram essa temática, destacando que, em grande parte dos casos, as vítimas de bullying são aquelas consideradas “esquisitas” e diferentes. Para além da escola, a criança também problemas no contexto familiar:

[...] Teve um dia que eu não quis jogar porque fiquei chateado porque meu pai xinga minha mãe [...] eu gosto muito de jogar videogame, gosto também do skate que meu pai me deu, mais ele não deixa andar, só quando ele me ensinar, mas ele não gosta de mim, porque ele fala que eu e minha mãe quer arrancar o dinheiro dele [...] teve um dia que eu tava no carro aí meu pai xingou minha mãe, aí eu defendi ela e ele disse: “ agora você vai aprender a não defender aquela puta veia”, aí deu um soco na minha cara, depois eu denunciei ele. (sic)

Esta relação interpessoal conflituosa entre a criança e o pai é mais um agravante para que a obesidade permaneça. Segundo Campos (1995), isso é uma característica apresentada pela família de pessoas obesas haja vista que a falta de afeto por parte do pai pode ser fator preponderante para o desenvolvimento de distúrbios alimentares e depressão.

Já na entrevista realizada com a professora A, em relação ao questionamento quanto a eventual rejeição sofrida pela criança em decorrência do fato de ser obesa respondeu que sim. No entanto, percebe esse fato como sendo uma brincadeira, apesar de causar sofrimento e constrangimento à vítima desse tipo de agressão.

Acho que sofre, mas ele reage bem a isso, ele acaba comendo de forma exagerada e os alunos brincam em relação a isso. (Professora A)

Essa percepção da professora A vai ao encontro da análise de Camacho (2001), pois segundo o autor, esse tipo de violência mascarada não é percebido como tal e por isso é confundida com a brincadeira, sendo considerada assim por muitos. Contudo, deve-se ter presente que essa violência banalizada acarreta dor, isolamento e até depressão.

Uma vez que o bullying é identificado, mostra-se necessário que o professor faça alguma intervenção, sempre que possível, a fim de reduzir o preconceito inerente à obesidade infantil, bem como as medidas de profilaxia. Nesse sentido, a Professora A cita a forma que julga ser mais adequada de agir diante de tal situação:

Deve falar de forma indireta, periférica, tratar a questão do padrão de beleza,

da reeducação alimentar e não falar diretamente com o aluno, porque eles já sabem sobre isso, eles veem na TV, na revista e também com a família, a não ser que o professor vê isso acontecendo naquele momento. Mas o Rafael deve ter uma reeducação alimentar e entender que se ele continuar comendo muito pra chamar atenção dos colegas, futuramente quando ele for adolescente terá sérios problemas quanto à sexualidade pra arrumar uma namorada, porque a sociedade prega um padrão de beleza que não é o nosso. Quando peço pra eles desenharem uma pessoa, sempre desenharam um modelo, uma pessoa que tem um padrão de beleza europeu. (sic) (Professora A)

É importante que o docente, por meio do diálogo, envolva os alunos, de forma que um consiga se colocar no lugar do outro, com o propósito de compreender o outro, tanto aluno quanto professor. Esse desafio é proposto pelos Parâmetros Curriculares (PCNs), para que principalmente dentro do ambiente escolar, todos saibam lidar com as diferenças. Segundo os PCNs:

Nas relações interpessoais, não só entre professor e aluno, mas também entre os próprios alunos, o grande desafio é conseguir se colocar no lugar do outro, compreender seu ponto de vista e suas motivações ao interpretar suas ações. Isso desenvolve a atitude de solidariedade e a capacidade de conviver com as diferenças. Essas considerações são especialmente importantes na educação fundamental, já que os alunos estão conhecendo e construindo seus valores e sua capacidade de gerir o próprio comportamento a partir deles. Incluir explicitamente o ensino de valores e o desenvolvimento de atitudes no trabalho escolar não significa, portanto, tomar como alvo, como instrumento e como medida da ação pedagógica o controle de comportamento dos alunos, mas sim intervir de forma permanente e sistemática no desenvolvimento das atitudes. Apesar de ser um trabalho complexo, é necessário acompanhar de forma cuidadosa o processo dos alunos para compreender seus comportamentos no contexto amplo do desenvolvimento moral e social (BRASIL, 1997, p.34).

A intervenção do professor para trabalhar o preconceito em sala de aula deve ser feita de forma clara e direta, sem medo de abordar o assunto, pois tratar o problema como se ele não existisse não gera mudanças no comportamento de quem pratica.

Nesse contexto, Lopes Neto (2005) destaca a necessidade dos pais, alunos e professores desenvolverem projetos que visem à redução do bullying, de forma que haja uma conscientização de forma geral, bem como a proteção da vítima desse tipo de preconceito. Fante e Pedra (2008) enfatizam esse discurso e salientam a importância da escola ao selecionar uma equipe ou comissão que possa capacitar os profissionais para agirem de forma segura na prevenção de atos discriminatórios, em parceria com a família dos alunos.

Ao entrevistar outra professora (Professora B), a mesma relata experiência vivenciada, ao tentar ajudar uma criança obesa, vítima de preconceito. Continuando a falar sobre o bullying, ao indagar à professora se a criança entrevistada sofria preconceito na escola, ela relatou:

Por ser obeso não, acredito que por ele estar passando por problemas familiares como a separação dos pais dele e também pelo pai dele ter batido nele ele se tornou uma criança agressiva, era muito agitado, tudo o que acontecia era motivo pra ele bater nos colegas. Ele fazia escândalos por qualquer motivo, dava pra ouvir os gritos dele lá embaixo (a escola tem dois andares), aí todo mundo saía correndo pra ver o que estava acontecendo com ele, mas ele não era meu aluno, era outra professora. Eu pensava em como fazer pra ajudar ele, porque ele estava sofrendo muito e ninguém conseguia lidar com ele, porque ele é grandão e muito forte. A professora Juliana falou pra eu segurar os braços dele por trás e levantar pra ele se conter, mas eu não tive coragem de fazer isso. Pra eu tocar em um aluno, só se for pra abraçar, agora pra segurar aí eu não faço não. Quando ele passou a ser meu aluno, que foi no ano seguinte, eu tentava conversar com ele pra ele mudar o comportamento dele, aí teve um dia que a Fabiana, que é a diretora da escola não aguentou mais de tanto tentar e nada mudar e expulsou ele da escola. Aí depois de alguns dias vieram me chamar, porque a mãe dele não tinha conseguido vaga pra ele em outra escola, então eu conversei com ele, falei que eu acreditava na mudança dele, tivemos uma longa conversa e pedi a diretora que deixasse ele voltar e que eu me responsabilizava por ele, todo problema que tivesse eu que ia resolver, sem ter que chamar ela. A partir daí ele mudou muito, mas ele as vezes provocava os meninos, aí eles revidavam xingando ele. Penso que ele não se aceitava como era e ainda estava passando pelo problema com o pai dele. Os meninos ficavam com raiva pelas atitudes dele e juntava com o fato dele ser gordinho e também provocava ele. (sic) (Professora B)

Essa narrativa expressa à atenção e dedicação da professora frente ao problema vivenciado pela criança, uma vez que tomou iniciativa de dialogar com a mesma. Ela interveio diante da diretora, que se sentia impossibilitada de agir frente à situação. A atitude da docente em confiar na mudança e se dispor a ajudar a criança e a família fez toda a diferença na vida do aluno. A Professora B finaliza a entrevista ressaltando a melhor forma de trabalhar com as crianças aspectos que visem minimizar o preconceito:

Acho que tem que trabalhar com o coletivo, com a sala inteira, mas sem que eles saibam o motivo real. Eu montei uma peça de teatro e incentivei ele a participar, a peça fez o maior sucesso. Eu vesti ele de "skinão", porque ele era grande e forte, ele era um skini, e na peça era tratado com os alunos a respeito da má alimentação e ele gostou muito, todos gostaram. O professor deve levar pra sala de aula textos que partem da realidade do aluno, daquilo que tá acontecendo na sala de aula. Eu trabalhei com eles sobre a alimentação saudável, levava textos que falava sobre isso e também sobre as consequências da má alimentação. Nós fizemos um acordo de durante a semana comer frutas, aí eles levavam só frutas pra lanche, e na sexta-feira era o dia da besteirinha, aí podia levar outro tipo de lanche, eles gostaram muito. Eu não permitia nenhum tipo de piada e também não fazia piadas que levassem a discriminação. Conversei com a mãe dele porque teve um dia que ele comeu doze vasilhinhas de mingau, eu fiquei horrorizada, aí na hora do recreio eu encontrei com ele, tava pálido, ele vomitou até não aguentar mais. Conversei com ele também sobre isso e ele mudou muito. O Rafael tinha dificuldade também em colocar pra fora aquilo que ele tava sentindo, eu sempre conversava com ele antes e depois da aula, por várias vezes e falei

pra ele que tinha que colocar pra fora, mas não batendo e gritando com todo mundo. Hoje ele é bem mais calmo, melhorou a escrita, eu mal conseguia entender a letra dele, aos poucos eu fui dizendo pra arrumar um “R”, um “M” e aí fez caligrafia também e melhorou bastante. A redação que ele faz é maravilhosa, ele encanta com a criatividade dele, antes ele tinha vergonha de ir para a frente, hoje quando ele termina de escrever a redação, ele mesmo se oferece pra ler a redação dele, isso me deixa muito feliz, é trabalho de formiguinha, mas vale a pena. (sic) (Professora B)

Pode-se perceber neste último trecho que a professora utiliza o lúdico para tratar esse assunto, que tem feito parte do cotidiano dos alunos, qual seja, o preconceito. Ela também usa desse artifício para melhorar a autoestima da criança, pois nesta peça ela era o ator principal, a “estrela” da peça. Esta peça de teatro foi importante também para unir a turma, pois todos participaram e ensaiaram juntos, além de tratar uma das principais causas da obesidade, que é a má alimentação.

A Professora B relatou que utiliza outros meios para sensibilizar as crianças, como literaturas que abordam assuntos relacionados à alimentação saudável e as consequências de uma alimentação que não é balanceada. A estratégia abordada para diminuir o abuso e excesso dos alimentos calóricos foi muito bem aceita pela turma, pois, com isso, começaram a ingerir alimentos saudáveis na hora do lanche, aumentaram a variedade de frutas e se adaptaram a comerem “guloseimas” somente na sexta-feira.

A consequência do investimento de tempo, amor e de profissionalismo da professora para com a criança resultou na mudança de comportamento da mesma, ela ficou mais calma e menos agressiva. Essa transformação refletiu até mesmo na escrita e na motivação da criança em fazer as atividades escolares e expô-las para que todos pudessem ver.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos relatos das professoras entrevistadas verificamos as medidas por elas tomadas para atenuar a problemática atinente ao preconceito sofrido pela criança obesa. As ações consistem em diálogos acerca da questão, trabalhos envolvendo literaturas que abordam o assunto, utilização do lúdico expresso através do teatro, nova organização do lanche com frutas e alimentos saudáveis durante a semana, liberando-se a sexta-feira para consumo de outros alimentos menos saudáveis. Válido destacar ainda a dedicação, o amor e o profissionalismo com que uma das professoras enfrentou o problema, colocando-se no lugar da criança, como sugere os Parâmetros Curriculares (1997) e intervindo de forma permanente e sistemática no desenvolvimento das atitudes dos alunos.

O trabalho de prevenção e repressão ao preconceito é um instrumento indispensável na conquista de um ambiente escolar tranquilo e agradável. Somente através de diálogos, debates, atividades lúdicas de conscientização e outras ferramentas que este objetivo poderá ser alcançado. Nesse ponto, o professor pode utilizar o lúdico para tratar desse assunto, lançando mão de representações teatrais, horta escolar, músicas, degustação,

além de documentários que expressem a seriedade dessa temática. Além disso, o incentivo à atividade física deve fazer parte do cotidiano escolar, proporcionando à criança oportunidades para que tenha um desenvolvimento adequado. O incentivo a correr, pular corda, jogar bola, nadar, descer e subir escadas em detrimento do elevador são importantes atividades físicas que auxiliam na respiração e favorecem a qualidade de vida. A alimentação apropriada e a prática de exercícios físicos, sob a orientação dos familiares e professores, são eficazes na prevenção da obesidade infantil.

Outro fator decisivo e relevante quanto à adoção de um estilo alimentar saudável consiste no lanche escolar. Normalmente, a merenda é fornecida pela própria escola, supervisionada por nutricionistas, sendo subsidiada com verbas públicas. Essa refeição deve ser balanceada e apta a fornecer os nutrientes de que as crianças e os adolescentes necessitam, como por exemplo, vitaminas, carboidratos e proteínas. O consumo de salgadinhos, refrigerantes, pizzas e bolachas recheadas, embora esteja no gosto dos alunos, deve ser evitado durante o horário do lanche escolar, dado o potencial nocivo para essas pessoas ainda em situação de desenvolvimento. Caso os pais forneçam o lanche escolar do próprio filho, importante que façam a escolha de sucos e sanduíches naturais em detrimento desses alimentos hipercalóricos, devendo ainda orientar e supervisionar as demais refeições dos filhos.

Ante o exposto, com base nos dados colhidos na pesquisa de campo, os quais encontram amparo nas obras utilizadas como referencial para o desenvolvimento do aporte teórico deste trabalho, compreendemos que a obesidade infantil se revela um problema de saúde pública sério e que demanda a intervenção das escolas e das famílias. No que se refere ao ambiente escolar, temos ainda que os professores de Ciências Naturais possuem contexto propício para desenvolver essa temática em sala de aula, buscando a conscientização dos alunos quanto à reeducação alimentar, bem como a conscientização de todos os alunos quanto aos efeitos nocivos que o bullying acarreta no desenvolvimento das crianças e adolescentes obesos.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA J. **Manual de psiquiatria infantil**. São Paulo: Masson, 1982.

ANARUMA, S. M. **Autoconhecimento: Um dos Caminhos no Tratamento da Obesidade**. Informação Psiquiátrica. São Paulo: Papius, 1995, 14(1), p. 23-26.

ARAÚJO, A, S et al. Fatores motivacionais que levam as pessoas a procurarem por academias para a prática de exercício físico. *EFDeportes.com*, **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 12 - Nº 115 - dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd115/fatores-motivacionais-que-levam-as-pessoas-a-procurarem-por-academias.htm> Acesso em: 29 set. 2012.

BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**. 27, 1, 123-140, 2001.

CAMPOS, A. L. R. **Aspectos psicológicos da obesidade**. In I. M. FISBERG (Org.), *Obesidade na infância e adolescência* (pp. 71-79). São Paulo: BYK, 1995.

CUNHA, A.T.J. **Obesidade infantil**. Monografia de pós-graduação: Universidade do Contestado, 1998.

FANTE, C.; PEDRA, J.A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRICKER, J.; Dartois, A.M. ; Fraysseix, M. **Guia da Alimentação das Crianças**: da Concepção à Adolescência. Coleção: Medicina e Saúde. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.

GOMES, M. M. O bullying e a responsabilidade civil do estabelecimento de ensino privado. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 16, n. 2844, 15 abr. 2011. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/18907>. Acesso em: 12 set. 2012.

GUIMARÃES, J. R. **Violência escolar e o fenômeno 'bullying'**. A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes. 2009. Disponível em: <http://jusvi.com/artigos/41126>. Acesso em: 29 set. 2012.

ITANI, A. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Diferenças e Preconceitos na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

LEME, M.I.S. (2006). **Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo**. São Paulo: ISME, 2006.

LOPES NETO, A. A. **Bullying**: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MELLO E. D. de; LUFT, V. C.; MEYER, F. **Obesidade infantil**: como podemos ser eficazes? *Jornal de Pediatria - Vol. 80, Nº3*, 2004.

OLIVEIRA, Cecília L. de; FISBERG; Mauro. **Obesidade na Infância e Adolescência** – Uma Verdadeira Epidemia. *Arq. Bras. Endocrinol. Metab.* vol 47 nº 2 Abril 2003.

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

QUEIROZ, R. da S. **Não vi e não gostei**: O fenômeno do preconceito. Campinas: Editora Moderna/ Editora Unicamp, 1997.

RAMOS, A. K. S. **Bullying**: A Violência Tolerada na Escola. 2008.

STAFFIERI, J. R. **A study of social stereotypes of body image in children**. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 7, p. 101-104, 1967.

VASCONCELLOS, J. L. F.; GEWANDSZNAJDER, F. **Programas de saúde**: livro do professor. 11. ed. reform. e atual. São Paulo: Ática, 1986. 240p. ISBN 8508003501

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alimentação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 68, 69, 70, 71

Aprendizagem 11, 12, 6, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 31, 33, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 54, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 117, 121, 122, 125, 126, 128, 130, 132, 157, 163, 164, 165, 176, 177

Arte 9, 11, 4, 39, 43, 60, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109, 115, 116, 132, 135, 138, 146

Assédio Moral 9, 12, 166, 167, 168, 169, 171, 174, 175, 176, 178, 179

Atividade lúdica 92, 93

B

Bebês 9, 10, 2, 24, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

C

Caminhos 9, 10, 11, 21, 22, 24, 26, 33, 70, 100, 103, 108, 133, 145

Contexto escolar 9, 11, 84, 117, 129

Corporalidade 9, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105

Creche 9, 10, 4, 22, 23, 24, 25, 26, 49, 50, 51, 54, 56, 131, 133, 141, 142, 143

Crianças Hospitalizadas 10, 40, 42, 43, 44, 45

Cuidado 10, 16, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 65, 76, 87, 88, 93, 138, 146

D

Danças 9, 11, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Descaminhos 9, 10, 22, 24, 26

Desenhos 9, 11, 15, 29, 62, 102, 106, 109, 110, 114, 115, 140, 141

Desenvolvimento 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 29, 30, 32, 34, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 49, 51, 53, 58, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 119, 121, 122, 126, 128, 141, 143, 144, 149, 151, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 180

Docência 11, 13, 18, 19, 20, 21, 34, 36, 131, 133, 168

E

Educação Física 9, 11, 17, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 151

Educação Infantil 2, 9, 10, 11, 12, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 18, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 99, 105, 116, 117, 120, 131, 132, 133, 140,

141, 144, 145, 146, 147, 157, 166, 168, 169, 171

Educação visual 9, 11, 106

Escola 9, 10, 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 43, 45, 48, 49, 51, 52, 55, 58, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 101, 106, 108, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 137, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 162, 169, 170, 175, 179

Escolha profissional 9, 11

I

Infância 9, 10, 11, 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 27, 49, 52, 54, 56, 60, 62, 64, 71, 74, 76, 80, 86, 87, 88, 91, 96, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 118, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 146, 151, 152, 154, 156

L

Legislação 1, 3, 4, 5, 6

Leitura 9, 10, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 48, 107, 108, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 168, 169

Literatura 9, 12, 1, 6, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 72, 74, 75, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 158, 159, 169, 171, 176

Literatura infantil 10, 31, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 138, 139, 140

Lúdico 9, 11, 9, 12, 17, 45, 69, 72, 78, 79, 81, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 132

O

Obesidade infantil 9, 10, 58, 64, 65, 66, 70, 71

P

Pedagogia Hospitalar 40, 41, 42, 48

Políticas Públicas Educacionais 9, 10, 1, 3

Prática educativa 9, 18, 20, 30, 33, 134

Práticas alimentares 9, 10, 49, 50, 51, 55

Preconceito 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71

Professor 9, 10, 15, 16, 17, 19, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 42, 43, 44, 53, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 93, 105, 108, 117, 120, 121, 122, 124, 128, 147, 148, 157, 163, 175, 179

T

Trabalho Docente 12, 166

V

Vivências da infância 9

Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação Infantil:

Comprometimento com a Formação Global da Criança

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 